

Queridos Amigos:

Uma carta de Laurence Freeman, OSB

Certa vez, um monge do deserto disse: “dias virão em que o mundo vai enlouquecer. Quando encontrarem alguém são, apontarão para ele e dirão ‘ele é louco: ele não é como nós’”. Entre iniciar esta carta e revisá-la, muitas coisas ocorreram atestando a loucura do nosso tempo – sendo o mais recente o massacre Orlando. Parece que não temos tempo para respirar, e para digerir uma tragédia – ou uma afronta à nossa inteligência política - antes que uma outra a suceda. Isto não se deve apenas à fome dos que controlam a mídia por histórias sensacionais, por tornar a notícia sempre mais picante, é uma parte tristemente real de nosso mundo de hoje, em sua escalada para o irreal.

Eu gostaria de convidar vocês, que estão dedicando alguns minutos a ler esta carta, para refletir, como contemplativos em comunidade, sobre como nossa vida espiritual pode contribuir para tornar nosso mundo um lugar mais são, mais saudável e mais caridoso para habitar.

Você pode dizer “nada - a minha meditação me ajuda a lidar com os efeitos desta situação, mas não pode atingir diretamente o problema. Existe uma linha claramente demarcada entre religião e política, e a contemplação tem a ver com minha relação pessoal com o meu Deus”. Ainda assim, é importante questionar onde passa esta linha, e mesmo se ela pode ser traçada de uma vez por todas. Alguns anos atrás, depois que o Papa João Paulo se posicionou contra a invasão do Iraque pelos EUA, eu estava falando em uma igreja católica, em Houston, Texas, e referi-me a isso como um conflito de interesses nas vidas das pessoas, que poderiam ver-se tanto como católicos obedientes quanto como americanos patrióticos. Algumas pessoas se retir-

aram. Outras vieram a mim mais tarde e sussurraram seu agradecimento, dizendo que não sentiam que pudessem expressar sua real opinião sobre a ação militar, em suas paróquias ou no jantar com os amigos, com medo de ser excluídos, como párias sociais e religiosos. Da mesma forma, um amigo meu, político na Grã-Bretanha, perguntou a alguns de seus colegas judeus por que eles não vêm a público manifestar-se contra o pior das políticas do governo de Israel para com os palestinos. Eles responderam que, se o fizessem, seriam condenados ao ostracismo na sinagoga e suas famílias evitadas no clube de golfe.

Esta questão da relação entre política e religião, contemplação e ação, põe em causa o significado e o propósito da religião; mas também aponta para a influência direta da contemplação sobre a religião. Seria a religião uma forma de fazer-nos sentir garantidos, barricados com pessoas de origem e idéias semelhantes, contra aqueles que acreditam e se comportam de forma diferente? Seria a contemplação apenas uma fuga individual da ansiedade estressante das demandas sociais e da consciência política, em direção a um outro mundo “pacífico”?

Neste tipo de visão, a política é da esfera pública e a religião – e, mais ainda, a “espiritualidade” – da esfera privada. Na antiga religião cívica de Roma, a religião foi indiscutivelmente um caso de estado. Os membros do clero eram funcionários públicos e os serviços religiosos públicos sustentavam o status quo político, assim como ocorria, a seu tempo, com as igrejas de aldeia na Inglaterra. O Cristianismo, contudo, desafiou este arranjo. Parecia uma religião, mas era, talvez, mais, ou menos, do que as pessoas esperavam que fosse uma religião. Especificamente,

exigia pobreza de espírito e pureza de coração, interioridade e, também, novos valores sociais. Mas, aos poucos, o modelo institucional cristão adaptou-se ao velho modelo da religião. Ainda hoje, em uma Dinamarca secularizada, a maior parte dos jovens é crismada pelas mãos do clero como um ritual de maioria, apoiado financeiramente pelo Estado, mas com pouco ou nenhum significado espiritual.

Talvez isso tenha alguns benefícios sociais, embora seja duvidoso que envolva valores cristãos. Mas o que acontece até mesmo com este tipo de religiosidade secularizada quando “o mundo enlouquece”? Quando, por exemplo, vemos a religião ser absorvida pela política para justificar o injustificável, em nome de Deus? Quando visitou o Monte Athos no início deste ano, talvez Putin tenha tido tempo para refletir sobre isso. Também os muitos integrantes da hierarquia polonesa que apoiam seu governo civil na rejeição absoluta a aceitar mesmo um número pequeno de refugiados sírios, quando o papa Francisco for visitá-los e, certamente, invocar as palavras de Jesus: “fui estrangeiro, e vocês me acolheram”. Como podemos fugir, por política, àquela chamada à compaixão direta? Se entendemos a parábola do Bom Samaritano, como poderemos até mesmo categorizar “quem é nosso vizinho” e quem não é?

*

O que nos enlouqueceu? Talvez o ritmo vertiginoso da mudança tecnológica e nossa incapacidade de controlá-lo. Nosso fracasso em impor normas de decência ao capitalismo econômico. Nossa intoxicação com entretenimento, estímulos externos, vícios e as falhas sistêmicas da educação nacional. Será que não há qualquer ligação, por exemplo, entre a loucura

das leis norte-americanas sobre armas e os debates da campanha presidencial, e o fato de 42% dos americanos acreditarem no criacionismo (o mundo foi criado literalmente como a Bíblia descreve, 10.000 anos atrás). Ou será que a recusa dos líderes constitucionais da UE de reconhecer a influência cristã na civilização europeia não afetam a desorientação e falta de sentido da sua cultura?

Talvez parte da nossa loucura seja a confusão e conflito entre religião, espiritualidade e esfera pública - e as consequências desta polarização extrema. Este foi o tema de um Seminário Meditatio organizado recentemente em Praga por nossa comunidade nacional. Dois vencedores do prêmio Templeton, Charles Taylor e Tomas Halik, refletiram, ao longo de vários dias e reuniões, sobre "espiritualidade em uma era secular". Foi um tempo esclarecedor e de expansão da mente, mas, também de expansão do coração porque, para tantos participantes, as questões ali exploradas não eram apenas intelectuais, mas tocavam profundamente suas vidas pessoais e experiências de significado.

A religião (institucionalmente) é cada vez mais suspeita e rejeitada por muitas razões: por sua aparente falta de espiritualidade autêntica, sua auto-fixação e estreiteza de foco em julgamentos morais. Pais que ainda frequentam a igreja muitas vezes lamentam a morte da prática religiosa na vida dos seus filhos. A perda das dimensões simbólica e sacramental da vida e da sua incorporação de valores profundos nos empobreceu, chegou mesmo a naufragar-nos em ilhas de negatividade e superficialidade. No entanto, estamos falando de um certo tipo de religião. Nenhuma pessoa sã vai lamentar o fim da teocracia, do pa-

pado medieval, ou preferir viver sob o El. Mas a perda do bebê com a água do banho em nossa cultura secularizada certamente acelerou nossa deriva na loucura. Ficamos procurando o que perdemos, mas sem certeza de como nomeá-lo. Muitas vezes, tateamos no escuro. O rebaixamento da religião não significa que o próprio sagrado tenha sido abandonado. O que é santo não desaparece. Migra. Temos que encontrá-lo novamente, com um novo tipo de interioridade.

É por isso que a espiritualidade é importante hoje como uma força para a sanidade e para curar os danos infligidos a nós mesmos por nossa loucura. Parece, às vezes, que estamos como o endemoninhado geraseno que Jesus encontrou e curou:

Esse homem vivia nos sepulcros, e ninguém conseguia prendê-lo, nem mesmo com correntes; pois muitas vezes lhe haviam sido acorrentados pés e mãos, mas ele arrebentara as correntes e quebrara os ferros de seus pés. Ninguém era suficientemente forte para dominá-lo. Noite e dia ele andava gritando e cortando-se com pedras entre os sepulcros e nas colinas.

Marcos 5:2-5

Seu nome era "Legião", porque, assim como nós, sua condição era complexa. Seria mais fácil, ou pelo menos, mais confortável, tentar usar nossa meditação para entorpecer a dor do mundo moderno, para desligar nossa consciência confusa e valores contraditórios. Algumas formas de espiritualidade orientada para o mercado fazem exatamente isto, ao identificar a experiência espiritual como um produto de consumo, que apenas reforça o bem-estar individual. Esta é uma projeção da espiritualidade, uma sombra, tão perigosa e escura quanto a sombra do anticristo projetada por uma re-

ligião institucional que se fecha contra o Espírito. "A corrupção do melhor é a pior de todas."

*

Falei recentemente, em uma conferência em Los Angeles, sobre espiritualidade e saúde mental e foi encorajador ver que, mesmo nos níveis administrativos e profissionais, houve fortes discernimentos sobre a conexão curativa entre meditação e saúde mental.

Talvez o sintoma mais prevalente e preocupante de nossa doença cultural da alma seja a solidão e o senso de alienação do significado. Significado significa ligação. Quando perdemos a experiência de ser verdadeiramente conectados, o significado dissolve-se. O fenômeno da solidão, e sua relação com o terror da falta de sentido, confronta cada parte de nosso mundo desenvolvido e todas as divisões de nossas sociedades afluentes: os que têm e os que não têm, as celebridades e os anônimos, os poderosos e os dependentes. Ninguém está imune a este vírus de desconexão. Hoje, nossa cultura nos distancia dos outros, enquanto parece nos aproximar. Uma característica esmagadora da nossa cultura moderna é uma solidão que posa de nos congregar pelos meios de comunicação social e de entretenimento e o grande "falso amigo" de fidelidade a marcas. À medida em que nossa capacidade de atenção encolhe e se aproxima daquela de um peixinho de aquário, o grau de alienação existencial é intensificado; e o ponto em que nem mesmo estaremos cientes do que perdemos em termos de interação humana básica corre monstruosamente para nós.

A solidão exacerba a experiência de fome. Quando não temos muita certeza de que é nossa fome, tentamos satisfazê-la cada vez mais desespera-

damente. A solidão, em si, é uma fome insaciável. Ela corrói nossas entranhas, nos obceca, nos tiraniza e, eventualmente, tira nossas mentes do eixo. Os assassinatos em massa em nossa sociedade são cometidos por indivíduos que desceram ao isolamento extremo e infligem aos outros sua dor insuportável. A solidão leva a um caos de atividade e distração cada vez mais ensandecido. Inventamos recursos milagrosos como a internet, e imediatamente criamos versões abastardadas, de sombra - "second life", pornografia, jogos viciantes e compras, páginas racistas e promotoras do ódio - todos intensificando a dor e a confusão da solidão. Desenvolvemos a televisão, que tem o poder de trazer influências e idéias socialmente unificadoras para os nossos espaços privados e, em seguida, usamo-la para fins comerciais de lucro, emburrecendo a inteligência, substituindo a discussão pública, para a qual tem tanto potencial, pela propaganda e fixação de marcas. Nós herdamos enorme riqueza coletiva que torna nossa vida mais fácil e mais longa, e que nos liberta dos perigos e dificuldades enfrentados por nossos antepassados - serviços públicos, como estradas, abastecimento de água potável, oportunidades educacionais, viagens e intercâmbio cultural, comunicações - e nós os desbaratamos como crianças mimadas que nunca tiveram de trabalhar para viver, e criamos uma economia da dívida sobre bases instáveis de vergonhosas desigualdades.

*

Conseguimos os políticos que queremos e, se não tomarmos cuidado, não podemos nos livrar deles quando despertamos para o que fizemos. A religião tem a responsabilidade de fazer parte deste debate sempre que ele toca estas zonas irreais e perigosas. Mas as causas mais profundas e as fontes de recuperação a longo prazo

serão encontradas não no âmbito religioso, mas no espiritual.

No entanto, a espiritualidade que não é fundamentada em uma prática simples rapidamente se evapora em abstrações complexas. Nossa comunidade sempre foi focada em enfatizar a simplicidade da prática. Quando, alguns anos atrás, estávamos para lançar Meditatio, o nosso programa de extensão, nossos coordenadores nacionais foram consultados e concordaram entusiasticamente com a proposta, e também destacaram que "manter a simplicidade" deve ser nossa primeira prioridade. Isto é o que queremos dizer com o "ensinamento essencial". Embora possa ser tomado como um estreitamento de nosso foco, revelou-se espiritualmente na grande ampliação da nossa gama de extensão - trazendo este ensinamento e prática simples para refugiados e para sem-teto, para alunos de MBA e para líderes políticos, para crianças e para moribundos, para ambientalistas e para assistentes sociais, para acadêmicos e para carpinteiros.

Houve tensões nisto - como há em qualquer tentativa de aplicar o modo de vida do evangelho à vida que vivemos quando o mundo está ficando louco. Esta tem sido a nossa história ao longo dos 25 anos da nossa comunidade, que celebramos este ano. Em nossa reunião de Coordenadores Nacionais, que já terá ocorrido no momento em que você lê isto, sinto que vamos ver essas tensões na perspectiva do nosso crescimento, da paz que Cristo dá e na unidade que ele é. Nossos planos para o novo centro internacional de retiros WCCM já foram objeto de consulta às comunidades nacionais e encontraram um consenso positivo de apoio.

Eu pensei cuidadosamente nisso por anos, desde que pela primeira vez juntei-me a John Main e comprometi-me com este trabalho e caminho. Apesar

de varias ofertas, e de episódios que quase deram certo, nunca encontramos um verdadeiro lar, como estamos procurando agora. Talvez isso nos tenha obrigado a centrar na partilha global do ensinamento no mosteiro sem paredes que evoluiu desde o início. Pessoalmente, admito, deu-me um tipo de solidão, um desejo de uma vida mais estável, mas isto foi mais do que compensado pela amizades profundas e experiência de comunhão que compartilho com vocês em nossa incrível comunidade.

Parece-me, agora, e mais ainda depois de consultar a comunidade, que chegou o tempo de encontrar e ter uma casa, para que o trabalho da nossa comunidade possa ter uma fundação estável a partir da qual continue a evoluir. Pessoalmente, isso significará que vou viajar muito menos e, com a bênção de meus superiores monásticos, permanecer neste novo centro. (Eu imagino isso vai tornar minha vida mais simples, não mais fácil). Mas - para ligarmos com o tema desta carta - não vejo este projeto como uma fuga dos desafios do nosso louco tempo. Muito pelo contrário, é um compromisso com a promoção de uma espiritualidade profunda e simples como forma de enfrentar nossas complexas instabilidades mentais e sociais. O meio de comunicar esta promoção será, acima de tudo, um silêncio vivido.

Será, de fato, uma casa para todos nossos meditantes do mundo inteiro, um lugar para ensinar nossos professores, para formar novos líderes, para acolher grupos de jovens que estão a procura, para manter um diálogo com outras religiões, bem como com cientistas, artistas e pensadores, para ajudar aqueles chamados à interioridade mais profunda em períodos de solidão. Acredito que isso vai ser muito benéfico para a nossa comunidade nos próximos 25 anos.

Mas se fosse só para o nosso próprio

benefício, a espiritualidade contemplativa da comunidade seria falsa. O novo centro vai desafiar-nos, e permitir-nos viver ainda mais um testemunho cristão de compaixão e inclusão num mundo dividido. Será um centro de paz administrado “no espírito de servir a unidade de todos”, como expresso na Constituição da WCCM. Será um centro de espiritualidade, vivida a partir de, e enraizada em, um ensinamento e tradição específicos, mas aberto a todas as formas pelas quais o espírito manifesta a sua natureza essencial de unidade e de paz.

Quando o mundo estava enlouquecendo no quarto século, muitos foram para o deserto, e não apenas para fugir do mundo. No século vinte e um, precisamos de lugares onde as pessoas possam também afastar-se, mesmo que brevemente, da rodopiante loucura do mundo para recen-trar-se, reconectar-se a si mesmos e sustentar sua prática espiritual. Um dos principais critérios na nossa busca de um novo lar é de que ele deve ser calmo e facilmente acessível. E - como Jean Vanier acrescentou quando conversamos, e ele nos encorajou - “tem de ser belo”. A simplicidade, a paz e a beleza do espírito precisam ser visíveis. Elas são vistas em nossos grupos de meditação, no número cada vez maior de crianças que meditam em salas de aula. E também serão vistas em nosso novo centro.

*

A experiência contemplativa, assim como Cristo, é a mesma ontem, hoje e amanhã. É por isso que somos capazes tirar, da riqueza da tradição, a ajuda para recuperar a nossa sanidade agora, bebendo profundamente dos poços abertos no passado, mas que fluem ainda das nascentes perenemente novas da sabedoria. Estudar e ponderar nossa tradição mística não é um substituto para o ensinamento essencial ou a prática simples. Mas sem esta

conexão à comunhão dos companheiros de peregrinação, mais profunda do que o próprio tempo, nos arriscamos a que nossa solitude se torne uma outra forma de solidão, e a jornada interior se torne demais para nós. Sempre precisamos uns dos outros para incentivo e apoio. Mas a verdadeira comunidade é também uma manifestação contemporânea desta comunhão espiritual que remonta para além dos horizontes da história.

Língua, cultura, até mesmo sistemas de crenças, todos mudam sua forma ao longo do tempo. O significado, no entanto, simplesmente se aprofunda. Há um risco: a tentativa de fazer sentido apenas através da criação de “diagramas do invisível”, como Evelyn Underhill disse de Meister Eckhart. Mas evitamos esse risco de abstração - e fazemo-nos mais encarnados e mais reais - quando equilibramos nosso pensamento e ação com o trabalho interior do não saber. A linguagem de nossas vidas pessoais e a linguagem pública da política, então, tornam-se mais saudáveis e mais honestas pelo trabalho do silêncio em nossas vidas.

Costumamos falar do comportamento louco como uma característica de pessoas “desequilibradas”. Nossa vida contemplativa em comunidade recorda à nossa cultura o que significa o equilíbrio, e em que consiste. Acima de tudo, é o equilíbrio pessoal entre a nossa vida interior e exterior, entre quietude e movimento, contemplação e ação. No coração desta prática diária, de manter e aprofundar nosso equilíbrio, está um outro tipo de fome, um desejo incessante de Deus, de integridade e saúde, de santidade e compaixão, de que sabemos que somos capazes e de que precisamos para permanecer humanos. Nós não meditamos muito tempo (menos de 25 anos), antes de perceber que isso não nos deixará descansar até encontrá-lo.

Muitos hoje, que praticam um tipo

secularizado da espiritualidade, motivados pelos benefícios de curto prazo associados à meditação, descobrem que ela melhora não só a sua calma sob stress, mas também a sua criatividade e seus relacionamentos. Qualquer que seja o motivo de iniciarmos a viagem, este é um benefício essencial da meditação que devemos liberar se quisermos recuperar a nossa sanidade coletiva.

A tradição contemplativa cristã sempre enfatizou o altruísmo criativo da meditação. Os padres do deserto, em que pese sua fuga do mundo, sabiam que os que cuidavam dos pobres e doentes nas cidades podiam muito bem estar em um patamar mais elevado da fé. S. Bernardo, que moldou a tradição mística da Idade Média, era um homem de ação incansável e de peregrinação, que entendeu que “almas, como mães santas, geram almas por seu trabalho”, que o objetivo da vida contemplativa era melhorar nossa capacidade de amar e cuidar uns dos outros, e até mesmo que o “abraço da contemplação frequentemente deve ser interrompido para alimentar os pequeninos, e que ninguém pode viver apenas para si mesmo, mas para os outros.”

O espírito de amor nos lembra, diariamente, que para ser saudável precisamos ser inteiros e que à medida que crescemos, pela cura, rumo à totalidade, começamos a tocar a borda da santidade. Nossa tradição ensina que a contemplação é a obra do amor - o trabalho tríplice de receber, liberar e devolver. Nossa meditação diária, e a comunidade que ela cria, nos lembra que o amor é a base universal do ser humano, a essência de todos os valores pessoais e civilizados. Sem o espiritual, não podemos ser sãos.

Com muito amor,

Laurence Freeman OSB